

ESCOLAS DO PORTO E DE MADRID

Organização de António Braz Teixeira, Celeste Natário,
José Carlos Pereira e Renato Epifânio

2021

Edição conjunta de:

Instituto de Filosofia da Universidade do Porto
Via Panorâmica s/n
4150-564 Porto

e

DG Edições
Av. D. Pedro V, 15 - 5.º Esq.º
2795-151 Linda-a-Velha

Composição e maquetagem: DG edições

Fotografia da capa: Ortega y Gasset, Leonardo Coimbra e

Garcia Morente

Impressão e acabamento: VASP DPS

ISBN: 978-989-53284-5-1

Depósito Legal: 491048/21

Primeira edição: Novembro de 2021

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-53284-5-1/esc>

O presente livro é uma publicação do Grupo de Investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, financiada por Fundos Nacionais através da FCT/MCTES - Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência UIDB/00502/2020.

A ESCOLA DO PORTO: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

António Braz Teixeira

(Instituto de Filosofia Luso-Brasileira)

À memória de Pinharanda Gomes

1. Ao iniciar este Congresso, cujo objectivo é realizar um primeiro estudo comparativo das chamadas “Escola do Porto” ou “Escola Portuense” e “Escola de Madrid”, quando se cumprem cem anos sobre a criação da primeira Faculdade de Letras do Porto, afigura-se conveniente começar por esclarecer o sentido em que, aqui, usamos o termo “escola”, uma vez que, como é sabido e reconhecido, este tem sido utilizado em muito diversos sentidos e com diferentes amplitudes.

Em ambos os casos, não se trata, aqui, de empregar o termo “escola” naquela acepção estritamente escolástica com que o usamos quando falamos, entre nós, de *Escola Conimbricense* ou *Eborensis* ou de *Escola de Salamanca* ou, no nosso tempo, de *Escola Bracarense*, mas, no que toca à da capital espanhola, como notou José Luís Abellán, do ambiente criado, na Universidade de Madrid, em torno de Ortega y Gasset e da influência que ele e o seu pensamento tiveram sobre um amplo grupo de pensadores, em que é possível identificar “a inspiração numa mesma orientação doutrinal e a adopção de uma metodologia nela inspirada”¹, enquanto o que se tem chamado Escola do Porto constituiu, acima de tudo, uma corrente de pensamento ou uma tradição especulativa que tem a sua origem ou a sua matriz naquela cidade nortenha e se desenvolveu à volta de um conjunto de interrogações filosóficas fundamentais e entre cujos membros é possível surpreender uma sucessão plural de relações dialógicas mestre-discípulo, em geral desprovidas de carácter institucional, quer no sentido de uma continuidade ou aprofundamento autónomo quer no de uma criadora e dinâmica oposição crítica².

¹ *Panorama de la Filosofía Española actual*, Madrid, Espasa-Calve, 1978, p. 70, e *História del Pensamiento Español de Séneca a nuestros días*, id., 1996, pp. 566-567.

² Pinharanda Gomes, *A “Escola Portuense”. Uma introdução histórico-filosófica*, Porto, Caixotim Edições, 2005, pp. 14-17. Cf. Afonso Rocha, *A Escola Portuense em questão*, Porto, Universidade Católica Editora, 2019.

2. Por outro lado, cumpre notar que a designação de *Escola do Porto* ou *Escola Portuense* tem sido usada, entre nós, para referir duas realidades de diversa extensão ou amplitude temporal, pois tanto tem servido para denominar a tradição especulativa iniciada, naquela cidade, em meados de Oitocentos, por Pedro de Amorim Viana (1822-1901), prosseguida, na geração seguinte, por filósofos como Sampaio Bruno (1857-1915), Guerra Junqueiro (1850-1923) e Basílio Teles (1856-1923) e continuada, depois, pelo movimento da Renascença Portuguesa (1912-1932) e pela Faculdade de Letras do Porto (1919-1931), como, num sentido mais restrito, para referir a actividade reflexiva e o magistério realizado, naquela Faculdade, sobretudo por Leonardo Coimbra (1883-1936), que a criou e dirigira, bem como por outros professores, como Teixeira Rego (1881-1934), Ângelo Ribeiro (1886-1936), Aarão de Lacerda (1890-1947) e Newton de Macedo (1894-1944), durante os breves doze anos da sua fecunda existência, assim como a dos discípulos do filósofo criacionista e a de pensadores que, embora não tendo chegado a frequentá-la, na sua obra e no seu pensamento, revelam uma relação matricial com a atitude filosófica dos autores de *A Alegria, a Dor e a Graça* e da *Nova teoria do sacrifício*, como acontece com António Dias de Magalhães (1907-1972) e Eudoro de Sousa (1911-1987)³.

3. É neste segundo e mais limitado sentido que tal designação vai ser usada neste encontro, que parte do reconhecimento da existência de um assinalável paralelismo e coincidência temporal no aparecimento e desenvolvimento dos dois movimentos especulativos cujas figuras maiores foram Leonardo Coimbra, no Porto, e Ortega y Gasset (1883-1955), em Madrid.

Com efeito, se foi em 1912 que, em *O criacionismo. Esboço de um sistema filosófico*, o filósofo português formulou as bases do pensamento que iria desenvolver e aprofundar até à sua trágica e prematura morte, ocorrida um quarto de século mais tarde, foi em 1914, que o especulativo espanhol, nascido no mesmo ano de Leonardo, nas *Meditaciones del Quijote*, enunciou algumas das ideias nucleares do raciovitalismo que iria, igualmente, expor, desenvolver e aprofundar nos quatro decénios seguintes.

De igual modo, a extinção, decretada em 1928 e concretizada três anos depois, da Faculdade de Letras do Porto veio a ter o seu dramático equivalente na guerra civil que eclodiu, no país vizinho, em 1936, conduzindo ambos

³ Cf. Luís Lóia, *Eudoro de Sousa. Vida e obra de um mitólogo*, Lisboa, MIL: Movimento Internacional Lusófono/ DG Edições, 2019.

estes absurdos acontecimentos a uma diáspora dos discípulos daqueles dois mestres ibéricos, se bem que de diverso âmbito, pois, enquanto a portuguesa se circunscreveu ao território nacional e a terras brasileiras, a espanhola, se incluiu, também, o exílio interior de alguns dos membros da Escola de Madrid, repartiu-se por diversos países do mundo hispano-americano, do México à Argentina, de Cuba a Porto Rico.

4. A dispersão e o exílio a que foram forçados os discípulos de Leonardo e de Ortega se, por um lado, empobreceram, culturalmente, os dois países ibéricos, de modo mais profundo e duradouro a Espanha, por outro, não deixaram de contribuir, em diversa medida, para restabelecer ou reforçar os vínculos especulativos e culturais entre cada um deles e os países que criaram no continente americano, cumprindo lembrar aqui o relevante papel desempenhado por Agostinho da Silva (1906-1994) e Eudoro de Sousa na constituição da “Escola de São Paulo”⁴ e na criação da Universidade de Brasília, e a especial relação intelectual que mantiveram com Vicente Ferreira da Silva (1916-1963) e Miguel Reale (1910-2006) ou a decisiva contribuição de José Gaos (1900-1969) e L. Recaséns Siches (1903-1977) para o desenvolvimento da UNAM, através do papel fundamental do primeiro na valorização do passado especulativo mexicano e hispano-americano e dos contactos que teve com figuras cimeiras da reflexão local, como Alfonso Reyes (1889-1959), José Vasconcelos (1882-1959), António Caso (1883-1946), Samuel Ramos (1897-1959) e Leopoldo Zea (1912-2004), ou a importância do trabalho, que, juntamente com Eduardo Garcia Maynez (1908-1993), o segundo realizou no âmbito da reflexão filosófico-jurídica, para não falar já no significado de que se revestiu a presença, durante alguns anos, de Ortega e Morente (1886-1942), na Argentina e das suas relações intelectuais com Francisco Romero (1891-1982), Risieri Frondizi (1910-1983) e Eugénio Pucciarelli (1907-) ou da actividade docente de Maria Zambrano (1904-1991), em Cuba e no México.

5. Note-se, ainda, haverem sido diferentes os destinos das duas Escolas filosóficas a partir do desaparecimento dos discípulos directos dos seus mais destacados mestres.

⁴ Cf. A. Braz Teixeira, *A “Escola de São Paulo”*, Lisboa, MIL: Movimento Internacional Lusófono/ DG Edições, 2016.

Na verdade, se pode dizer-se que a guerra civil e o exílio, tanto interior como exterior, não impediram que, através de Zubiri (1898-1983), Mariás (1914-2006), Aranguren (1909-1996) e Lain (1908-2001) ou da regressada Maria Zambrano, a *Escola de Madrid* tivesse continuado a marcar relevante presença na cultura espanhola, actualmente o seu legado parece não ter já continuidade nem sucessores, mau grado a atenção hermenêutica que tanto a obra de Ortega como a de alguns daqueles últimos continua a suscitar.

Diversamente, em Portugal, graças ao magistério de alguns dos discípulos de Leonardo, como José Marinho (1904-1975) e Álvaro Ribeiro (1905-1981), não esquecendo o relevante papel desempenhado por Delfim Santos (1907-1966) e por Agostinho da Silva, este após o seu regresso do Brasil, no final da passada década de 60, a tradição especulativa portuense manteve-se viva e actuante, através de figuras como Afonso Botelho (1919-1996), António Quadros (1923-1993), António Telmo (1927-2010), Dalila Pereira da Costa (1918-2012), Orlando Vitorino (1922-2003) e Pinharanda Gomes (1939-2019), prosseguindo, hoje, a sua renovada e diversificada presença num significativo grupo de pensadores das duas gerações seguintes.

6. Como vem sendo salientado ou reconhecido pelos estudiosos da filosofia portuguesa, o pensamento e a obra de Amorim Viana abriram um novo ciclo na reflexão filosófica portuguesa, a qual passou a girar em torno de um conjunto de problemas em que avultam a ideia de Deus, o problema do mal e o conceito de razão, sendo, no entanto, o primeiro desses problemas o fulcro do nosso pensamento especulativo nesse mesmo ciclo, surgindo os outros dois como suas imediatas consequências e directos prolongamentos.

Assim, a ideia cristã tradicional de Deus, bem viva ainda durante a primeira metade de Oitocentos, principalmente no *teísmo* da sua principal figura, Silvestre Pinheiro Ferreira (1769-1846), foi, sucessivamente, posta em causa, no *deísmo racionalista* de Amorim Viana, no *panteísmo* de Cunha Seixas (1836-1895), no singular *panteísmo* de Domingos Tarrozo (1860-1933), Antero (1842-1891) e Junqueiro (1850-1923) e no *messianismo heterodoxo* de Sampaio Bruno (1857-1915), vindo, por fim, a ser, definitivamente, recusada no *ateísmo* de Teófilo Braga (1843-1924) e Basílio Teles (1856-1923), ao mesmo tempo que a Trindade e a divindade de Jesus foram negadas e à ideia de um Deus pessoal e distinto do mundo foi oposto um *monismo panteísta*, *evolucionista* e *naturalista* e o *emanatismo* ou *cisão divina* se substituíram ao anterior criacionismo.

7. Dado, porém, que o problema de Deus se apresenta como indissociável do problema do *Logos* e do conceito de razão, a crítica à ideia tradicional da divindade veio, entre nós, a ser acompanhada por uma paralela dissolução do conceito iluminista de uma razão segura de si, que recusa todo o negativo e todo o irracional, como, em certa medida, era ainda a de Amorim Viana, para, com Antero, se interrogar sobre os seus limites e acerca do seu saber de si e, depois, com Bruno, pela admissão progressiva do irracional que anteriormente recusara, tanto do mal ou irracional entitativo como do erro ou irracional cognitivo e, por fim, com Leonardo, pela abertura a outras formas gnósticas de que a razão se nutre no seu processo criacionista de noções, como a intuição, a imaginação e a memória inventiva e às diversas formas de experiência, assumindo-se como *razão experimental*.

8. Este processo de paralelo e simultâneo desenvolvimento do questionamento da ideia de Deus e do conceito de razão veio a projectar-se, inevitavelmente, no modo de defrontar a grande aporia que o mal suscita, a de saber como conciliar, no plano especulativo, a existência do mal no homem e no mundo com a onnipotência e a suma bondade divinas.

Assim, no pensamento português da segunda metade do séc. XIX e do séc. XX, verificou-se uma radical alteração na atitude filosófica perante o mal, quando, à negação da sua existência real e ao seu entendimento como mera privação de bem, acolhido, tradicionalmente, entre nós e perfilhado, ainda, por Amorim Viana e Antero, veio a opor-se a ideia de que algo de natureza misteriosa afectara a própria divindade, provocando nela uma queda ou uma cisão ontológica que dera origem ao mundo, recusando-se, deste modo, a onnipotência e a criação divinas, fazendo que o mal, até aí longamente pensado como *problema*, passasse, agora, a ser visto como *enigma* que leva o homem a interrogar-se sobre si próprio e sobre a cisão em que o mal radicalmente se dá ou se manifesta, quando não já como *mistério* ou, numa atitude extrema, a concluir pelo ateísmo, reputando inconciliável a irrefragável e brutal existência do mal com a ideia de um Deus onnipotente e infinitamente bom.

De algo exclusivamente humano, que poderia ser resolvido ou superado pelo pensamento ou pela razão do homem, negando a sua essencial realidade e vendo-o como ilusória aparência ou privação, o mal ascendeu ao reino divino, convertendo-se em algo inegavelmente real que, excedendo as limitadas possibilidades da razão humana, é incognoscível, tornando-se, por isso, inviável qualquer *ontologia* do mal e limitando-se à sua *fenomeno-*

logia, ao conhecimento dos modos por que se manifesta na vida e no agir dos homens, o saber que dele é possível alcançar ou devendo concluir-se que, porque é inegável a brutal realidade do mal, ele virá a constituir o mais irrefutável fundamento ético do ateísmo, como sustentava Basílio Teles.

9. Da conjugação das respostas ou das posições que os diversos pensadores que se inscrevem na “Escola portuense” acolheram sobre este conjunto de interrogações fundamentais decorre ser possível distinguir, nela, três linhas especulativas distintas e de desigual dimensão e expressão: a que perfilha uma concepção criacionista, em que se incluem Amorim Viana, Junqueiro, Leonardo, Álvaro Ribeiro, Agostinho da Silva e António Dias de Magalhães, a que lhe contrapõe a ideia ou visão da queda ou da cisão divinas que, iniciada por Bruno, se prolonga, depois, em Pascoaes, Sant’Anna Dionísio e José Marinho e uma terceira, de cariz *agnóstico*, cujos mais significativos representantes seriam Teixeira Rego, Ângelo Ribeiro, Newton de Macedo, Delfim Santos e Augusto Saraiva, se bem que acolham o criacionismo gnosiológico e, o último, também as noções leonardinas de *razão experimental* e de *ideo-realismo*.

10. A primeira Faculdade de Letras do Porto, matriz da “Escola portuense” no sentido considerado no presente congresso, foi criada, há precisamente cem anos, por Leonardo Coimbra, enquanto ministro da Instrução Pública, a quem coube, igualmente, a escolha e a designação do respectivo corpo docente, de acordo com critérios diferentes dos geralmente seguidos na academia portuguesa.

Com efeito, não só nenhum dos professores da nova escola possuía o grau de doutor, como um deles, o erudito autodidacta portuense José Teixeira Rego, conhecedor profundo das línguas e literaturas antigas e da história das religiões, discípulo dos também autodidactas Bruno e Basílio Teles, que, no ano anterior, publicara uma *Nova teoria do sacrifício*, nem sequer frequentara a universidade.

Recrutados, na sua maioria, entre o brilhante escol de jovens professores do Liceu Central de Gil Vicente, de Lisboa, de cujo corpo docente Leonardo Coimbra fazia parte – Ângelo Ribeiro, Newton de Macedo, Luís Cardim (1879-1958), Damião Peres (1889-1976), Lúcio Pinheiro dos Santos (1889-1950) – a que se juntaram ainda, além do já referido Teixeira Rego, Hernâni Cidade (1887-1975) e Aarão de Lacerda (1890-1947), os professores da nova Faculdade vieram a revelar-se mestres de excepcional craveira científica,

cultural e pedagógica, capazes de, em pouco mais de um decénio, formar um excepcional grupo de discípulos, que viriam a marcar, profunda e decisivamente, a vida intelectual portuguesa.

11. Tal como a “Escola” de Madrid, a partir de 1923, se tornou, de algum modo, indissociável da *Revista de Occidente*, criada, nesse ano, por Ortega, como publicação cultural periódica, empresa editora e sede de tertúlias diárias a que presidia o filósofo da razão vital, também a “Escola portuense”, na sua génese e na actividade pedagógica, especulativa e cultural dos seus membros, não poderá ser devidamente situada e entendida ignorando ou esquecendo a sua matricial relação com a associação cultural *Renascença Portuguesa*, criada, em 1912, por um grupo de intelectuais, pensadores e escritores, na sua maioria portuenses e que, como aquela empresa madrilena, com intuítos de renovação cultural e educativa do país e de debate de ideias e cujo órgão foi a revista *A Águia*. Dirigida, durante os seus primeiros nove anos, pelo poeta-filósofo Teixeira de Pascoaes (1877-1952), a partir de 1921 e até à sua extinção, em 1932, a revista portuense teve como director Leonardo Coimbra que, nos últimos cinco anos de vida da publicação, foi acompanhado nessa tarefa por outros professores da Faculdade de Letras (Teixeira Rego, Hernâni Cidade e Aarão de Lacerda) e, na fase final, por alguns dos seus mais dotados e promissores discípulos (Adolfo Casais Monteiro, Delfim Santos e Sant’Anna Dionísio).

No período em que Leonardo dirigiu *A Águia*, a vida e a acção da revista e da própria *Renascença Portuguesa* foi a par da vida e da actividade docente da própria Faculdade de Letras do Porto, à qual sobreviveu apenas um ano.

Assim, não só a figura, a obra e o pensamento poético de Pascoaes, que Leonardo considerava seu irmão espiritual, acharam profundo eco em alguns dos seus mais dotados alunos, como José Marinho e Sant’Anna Dionísio, como as tertúlias em que, pelas tardes, em alguns cafés portuenses, Leonardo prolongava o seu magistério e a actividade cultural da *Renascença Portuguesa*, em que os mestres e alguns discípulos daquela excepcional escola de humanidades participaram activa e regularmente, eram complemento da removente acção espiritual do filósofo criacionista.

12. Perfilhando posições e atitudes especulativas próprias, os mestres da primeira Faculdade de Letras do Porto fizeram dela uma escola de pensamento livre e plural, em que coexistiam diversas e nem sempre coincidentes ou

convergentes doutrinas filosóficas, como os diferentes caminhos reflexivos dos seus principais discípulos claramente ilustram.

Se, na capital espanhola, a influência orteguiana se revelou decisiva, não se pode esquecer ou menosprezar a acção pedagógica e formativa de Morente e Zubiri, havendo mesmo a deste último superado a do autor de *En torno a Galileo* relativamente a pensadores como Pedro Laín Entralgo ou José Luís Lopes Aranguren, também na “Escola portuense”, se foi, incontestavelmente, o magistério leonardino aquele que mais ampla repercussão encontrou entre os mais dotados dos seus discípulos, não se pode ignorar a maior proximidade que, no entanto, alguns deles, como Agostinho da Silva e Eudoro de Sousa, tiveram relativamente à obra e ao pensamento de Teixeira Rego.

Em ambos os casos, porém, a influência do magistério dos autores de *A luta pela imortalidade* e de *Estudos e controvérsias* não se traduziu numa adesão servil às suas teses e doutrinas mas, pelo contrário, constituiu um fecundo estímulo para que cada um dos discípulos, conservando ou prolongando, embora, de algum modo, certos aspectos do pensamento ou da atitude ou perspectiva especulativa do mestre, encontrasse, desenvolvesse e aprofundasse o seu próprio e singular rumo especulativo, inconfundível não só com o do mestre como com o de qualquer dos seus companheiros ou condiscípulos, aqui se revelando a incomparável grandeza e a autenticidade maiêutica do superior magistério da escola de humanidades do Porto.

13. A pluralidade de atitudes e posições doutrinárias dos mestres portuenses e dos seus discípulos e a marcada individualidade dos caminhos que cada um deles demandou ou prosseguiu não impediu, no entanto, a existência de um conjunto de temas ou características próprias da Escola portuense, que vão da comum posição crítica do positivismo ao generalizado interesse pelas questões pedagógicas ou pela intervenção cívica e pela doutrinação política e social, passando pela atenção conferida ao pensamento europeu seu contemporâneo ou à filosofia portuguesa do séc. XIX e da primeira metade do séc. XX, a um amplo e renovado conceito de razão e às múltiplas formas de experiência ética, estética e religiosa ou à reflexão sobre a saudade e sobre o seu alto significado metafísico.

A refutação crítica do positivismo, que, no séc. XIX, havia merecido a atenção reflexiva de Amorim Viana, Antero, Cunha Seixas e Bruno, alcançará a sua mais completa e funda expressão especulativa no seio da Escola portuense, quer no criacionismo de Leonardo e dos seus mais próximos companheiros

Ângelo Ribeiro⁵ e Newton de Macedo⁶, quer, na geração seguinte, na obra de Delfim Santos⁷, Álvaro Ribeiro⁸, José Marinho⁹ e Eudoro de Sousa¹⁰.

A crítica do positivismo, levada a cabo por este conjunto de pensadores, singulariza-se, relativamente à dos seus predecessores oitocentistas, por não se haver limitado à refutação da lei dos três estados, à crítica da classificação das ciências e da subordinação da filosofia à ciência ou da consideração da primeira como saber residual, mas, pelo contrário, por se apoiar num sólido conhecimento da ciência contemporânea, designadamente da física e da psicologia, como acontecia com o próprio Leonardo, com Newton de Macedo, Delfim Santos e Eudoro de Sousa e por ter em conta as novas expressões que o positivismo entretanto encontrara, nomeadamente na Escola de Viena, como era o caso de Delfim Santos e, ainda, por se fundar num novo e amplo conceito de razão filosófica que, no filósofo de *A morte*, era concebida como razão cósmica, dialéctica e experimental, que, no seu processo, se defronta, “sem descanso, com uma intuição inesgotável” e se nutre de outras formas gnósticas, como a imaginação e a memória inventiva, ao mesmo tempo que se acha aberta ao saber sófico e pístico, ao *enigma* e ao *mistério*, assim como entende de mais amplo modo a experiência científica e atende às outras formas de experiência ética, estética, metafísica e religiosa e revaloriza o fundo e matricial sentido da palavra poética, do símbolo e do mito.

Esta lição não deixará de encontrar directo, se bem que parcial, eco na reflexão de Augusto Saraiva e originais equivalentes na noção de *razão animada*, de Álvaro Ribeiro ou nos modos de conceber a razão por parte de José Marinho, Sant’Anna Dionísio, Delfim Santos ou Agostinho da Silva, cumprindo ainda não esquecer a original reflexão sobre o mito e o símbolo desenvolvida por Eudoro de Sousa e José Marinho, ou o diálogo que a teologia filosófica de Álvaro Ribeiro, a noção de *insubstancial substance*, de José Marinho, o paracletismo de Agostinho da Silva ou a mitosofia de Eudoro de Sousa mantiveram com as concepções metafísico-religiosas de Leonardo

⁵ *Curso de iniciação filosófica*, Lisboa, Féris, 1919.

⁶ *Introdução à Filosofia. Seu significado e valor*, Porto, Renascença Portuguesa, 1926.

⁷ *Situação valorativa do positivismo*, Berlim, 1938.

⁸ *Os positivistas*, Lisboa, Livraria Francisco Franco, 1951.

⁹ *Verdade, condição e destino no pensamento português contemporâneo*, Porto, Lello & Irmão, 1976.

¹⁰ “O prejuízo positivista na obra de Oliveira Martins”, in *Acção*, 1947.

e com a sua ontologia do Espírito ou, ainda, o modo como o pensamento estético de Aarão de Lacerda marcou a tese alvarina de que a literatura é “expressão do sobrenatural”.

14. Na “Escola” portuense, a crítica do positivismo e esta nova compreensão da actividade especulativa ia de par com um fecundo diálogo com a filosofia contemporânea, com destaque para Bergson, a cujo pensamento Leonardo Coimbra dedicou um significativo volume de interpretação crítica, nele contrapondo o seu criacionismo à “evolução criadora” do filósofo francês¹¹, para Lachelier, a cuja teoria da *indução* consagrou demorada análise crítica¹² ou, ainda, para Boudroux e Hamelin, cumprindo, contudo, não esquecer o diálogo que Delfim Santos e Eudoro de Sousa mantiveram com o pensamento alemão, com especial destaque para Schelling, N. Hartmann e Heidegger.

Aqui se acha uma significativa e relevante diferença relativamente à Escola de Madrid, cujos mestres Ortega e Morente, marcados, ainda, na sua formação, pela fase terminal do krausismo da Institución Libre de Enseñanza, será, sobretudo, na Alemanha, especialmente em Marburgo onde contactaram com os neo-kantianos Cohen e Natorp, que irão completar a sua formação filosófica, enquanto Zubiri e Gaos será no âmbito da fenomenologia que iniciarão os seus pessoais percursos especulativos.

15. Aspecto singular da atitude mental da “Escola portuense” foi, ainda, o diálogo crítico e hermenêutico que, desde Bruno, manteve com o pensamento português seu contemporâneo, em claro contraste com o ensimesmado desinteresse que Antero manifestava quanto a Amorim Viana e Cunha Seixas.

Com efeito, se o tímido e reservado autor de *A ideia de Deus* deu expressão à sua metafísica em diálogo crítico com o seu mestre Amorim Viana, Leonardo não só consagrou todo um volume ao estudo do pensamento filosófico do autor das *Tendências*¹³, como dialogou, criticamente, com Bruno, Junqueiro e Pascoaes¹⁴ e os seus mais directos discípulos dedicaram

¹¹ *A filosofia de Henri Bergson*, Porto, Renascença Portuguesa, 1932. Bergson foi também tema da tese de licenciatura em Filosofia de Sant’Anna Dionísio (inédita).

¹² “O problema da indução”, *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 1920.

¹³ *O pensamento filosófico de Antero de Quental*, Porto, J. Pereira da Silva, s.d. (1921).

¹⁴ Cf. A. Braz Teixeira, “O diálogo crítico de Leonardo Coimbra com Bruno, Junqueiro e

especial atenção interpretativa não só ao pensamento do mestre¹⁵, como a outros filósofos portugueses do séc. XIX e da primeira metade do séc. XX, como Silvestre Pinheiro Ferreira¹⁶, Amorim Viana¹⁷, Antero¹⁸, Cunha Seixas¹⁹, Bruno²⁰, Junqueiro²¹, Pascoaes²² e Raul Proença²³, bem como ao positivismo português²⁴.

16. É nesta viva e reflectida atenção especulativa ao pensamento português contemporâneo que radica a meditação leonardina sobre o significado e dimensão metafísica da saudade, a partir, por um lado, da realidade ontológica que o seu pensamento criacionista atribuía à memória como princípio conservativo e, por outro lado, da reflexão crítica sobre o saudosismo retornista de Pascoaes, retomando a visão metafísica do sentimento saudoso proposta por D. Francisco Manuel de Melo, na *Epanáfora amorosa*, que, depois, os seus discípulos José Marinho e António Dias de Magalhães prosseguirão e a que, já na segunda metade do século passado, Afonso Botelho dará mais ampla e funda expressão filosófica²⁵.

Pascoaes”, Revista *NOVA ÁGUIA*, nº 11, 1º semestre de 2013.

¹⁵ José Marinho, *O pensamento filosófico de Leonardo Coimbra*, Porto, Figueirinhas, 1945, Álvaro Ribeiro, *Leonardo Coimbra*, Lisboa, ed. Império, 1945, *Os positivistas*, Lisboa, Livraria Francisco Franco, 1951, e *A arte de filosofar*, Lisboa, Portugalíia, 1955.

¹⁶ Delfim Santos, *Silvestre Pinheiro Ferreira* (1947), *Obras completas*, 3ª ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, vol. II, 2009.

¹⁷ Sant’Anna Dionísio, *Teólogo laico (Amorim Viana)*, Lisboa, Seara Nova, 1961, e José Marinho, *Verdade, condição e destino...*, ed. cit.

¹⁸ Sant’Anna Dionísio, *Antero*, 1934, e José Marinho, ob. cit. na nota anterior.

¹⁹ Álvaro Ribeiro, “Cunha Seixas e a filosofia portuguesa”, *Dispensos*, Lisboa, INCM, vol. II, 2004, e José Marinho, ob. cit. nas notas anteriores.

²⁰ José Marinho, “Sampaio Bruno”, *Estudos sobre o pensamento português contemporâneo*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1981, e ob. cit. nas notas anteriores. Álvaro Ribeiro, *Sampaio (Bruno)*, Lisboa, SNI, 1947, e obras cit. na nota 15.

²¹ Leonardo Coimbra, *Guerra Junqueiro*, Porto, Renascença Portuguesa, 1923, e Álvaro Ribeiro, *A arte de filosofar*, ed. cit.

²² José Marinho, *Teixeira de Pascoaes: Poeta das Origens e da Saudade*, Lisboa, INCM, 2005, e Sant’Anna Dionísio, *O poeta, essa ave metafísica*, Lisboa, Seara Nova, 1953.

²³ Sant’Anna Dionísio, *A hipótese do Eterno Retorno*, Lisboa, Seara Nova, 1945, e *O pensamento especulativo e agente de Raul Proença*, Lisboa, Seara Nova, 1949.

²⁴ Álvaro Ribeiro, *Os positivistas*, ed. cit.

²⁵ Cf. A. Braz Teixeira, *A filosofia da saudade*, Lisboa, Quidnovi, 2006.

17. A “Escola portuense”, como a *Renascença Portuguesa*, dedicou especial atenção aos problemas educativos e da formação do homem, tendo mesmo Leonardo Coimbra desempenhado, por duas vezes (1919 e 1922-1923), funções ministeriais na área da instrução pública, as quais, apesar de terem durado escassos meses, ficaram assinaladas pela criação da primeira Faculdade de Letras do Porto e das Escolas Primárias Superiores.

A preocupação intelectual pelos problemas pedagógicos excedeu, em muito, estes actos políticos, de inegável significado educativo e cultural, havendo tais problemas merecido particular e constante cuidado reflexivo não só do autor de *O problema da educação nacional* como de diversos outros pensadores integrados na “Escola portuense”, que, durante mais de meio século, longa e duradouramente meditaram sobre o fundamento filosófico e antropológico da educação e propuseram profundas e fundamentadas reformas do nosso sistema educativo, da instrução primária e profissional até à universidade, em obras ainda hoje de inegável actualidade, como *A crise moral e a acção pedagógica* (1917) e *A pedagogia científica e o problema dos valores* (1931), de Newton de Macedo, *Linha geral da nova universidade* (1932), *Fundamentação existencial da Pedagogia* (1946) e inúmeros outros ensaios de Delfim Santos, os estudos dedicados por Agostinho da Silva, entre 1938 e 1942, a algumas das mais relevantes experiências pedagógicas do tempo ou o seu livro *Educação em Portugal* (1970), *O problema da filosofia portuguesa* (1943) e a trilogia *Escola formal* (1958), *Estudos gerais* (1961) e *Liceu aristotélico* (1962), de Álvaro Ribeiro, *A Filosofia como objecto de pedagogia* (1952), de Sant’Anna Dionísio ou *Filosofia, ensino ou iniciação?* (1972), de José Marinho, conjunto de estudos, reflexões e propostas que, na época, apenas encontra paralelo, entre nós, nos ensaios que, a partir de 1921, António Sérgio deu a lume no âmbito da *Seara Nova*, ou na teoria e filosofia da educação pensadas pelo também seareiro Faria de Vasconcelos (1880-1939).

18. Por último, não pode esquecer-se o lugar que a intervenção cívica e a doutrinação política ocuparam na actividade e na reflexão de vários dos mestres e discípulos da “Escola portuense”, não só durante a I República como, sobretudo, durante a Ditadura Militar que se lhe seguiu, em que, enquanto alguns, como Sant’Anna Dionísio, acompanharam Leonardo, Sérgio e Proença na defesa da república democrática, outros, como Álvaro Ribeiro, Casais Monteiro (1908-1972) e Delfim Santos, promoveram um

jovem movimento de *Renovação Democrática* (1932-1934), que se opôs, de modo fortemente crítico, tanto ao constitucionalismo monárquico e à república liberal como ao nacionalismo corporativista e ao bolchevismo, em nome de um novo *democratismo*, que procurava conciliar um individualismo libertário e um vincado pendor social²⁶.

A concluir, merece ainda referência a reflexão crítica que tanto Newton de Macedo em *O bolchevismo como experiência moral* (1921-1923) como Leonardo Coimbra, em *A Rússia de hoje e o homem de sempre* (1935) dedicaram ao que pensavam ser as graves consequências morais e antropológicas da revolução russa.

²⁶ Cf. A. Braz Teixeira, *Conceito e formas de democracia em Portugal e outros estudos de história das ideias*, Lisboa, Sílabo, 2008.